

Temporada de Caça.

AbraAo

É que de repente me deu um medo todo resabiado, como o do cão que já foi abandonado, e farejando mudanças pressente instintivamente a iminência de mais um provável abandono do seu novo dono.

Não sei o que é, e se algo mesmo virá a ser, senão a alucinada propagação de mais um fugidio querer.

Eu de caçador sou caçado e surpreendido, finjo que sou o que sou, a presa da caça, e eu não fujo. Eu ao menos tento convencer como caçador, e bravo, brado nos prados ou florestas ao meu modo, esboço um sorriso lacônico, e mantenho meus olhos bem vivos.

Estou aqui, não estou?

Você na sua cilada de amor armada traz na boca as palavras como iscas sedutoras, e assim, captura-me, rapta-me, ata-me!

E eu, cão andante sob a luz de mercúrio que em amarelo acobreia as calçadas, desenhando e dando vida às sombras desencadeadas, espero indolente aquele seu afago solícito, implícito no jeito de falar comigo, e eu, explicitamente irracional, quase em ganidos, te mostro a minha necessidade carente em querer ser o teu amigo, companheiro de verdade. Nem mais, nem metade.

Mas por que tocar nesse assunto com tanta humildade, de orelhas baixas, olhar de soslaio, e rabinho entre as pernas?

Não!

Estou aqui, não estou?

Você agora é isca viva que de longe faísca em desejo e amor. Eu sou caçador, acompanhado do cão domesticado que sou.

É disso que tenho medo dentro deste outro começo.

Você me chamou de volta, eu ouvi, gani arredio, e depois, aos poucos, fui soltando meus latidos em lamúrias, até que levantei os olhos, apurei as orelhas, arreganhei os meus

caninos, e de rabo teso, e faro apurado, capturei o perigo, e sigo o caçador acossado que agora sou.

E, embora temendo o fantasma do abandono, me encorajo a entrar na sua armadilha, me transmutando de presa para atrair a caça camuflada em saborosa isca.

Do que era mesmo que eu estava com medo?

Ah, sim, do depois resultar em outro abandono das minhas carcaças deixadas ao relento para o deleite das hienas.

Abra Ao, junho de 2008.

Não sei jogar xadrez nem cavalgar com elegância.

Mas filho de Oxóssi Caçador, que sou, monto no meu cavalo, desembainho uma flecha pontiaguda, letal e envenenada com essências, e ameaço galante, o trono da Rainha sem rosto.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/temporada-de-caca>